

Serra-Silva, S., Espírito-Santo, A. & Thijm, J. A. (2021). Ramondt-Hirschmann, Cornelia. In Isabel Baltazar, Alice Cunha, Isabel Lousada (Orgs). Dicionário: As Mulheres e a Unidade Europeia. (pp. 271-275). Lisboa: Assembleia da República.

RAMONDT-HIRSCHMANN, CORNELIA

Cornelia Ramondt-Hirschmann, conhecida por “Cor”, foi uma destemida feminista e pacifista holandesa, que se destacou pelo seu trabalho durante a I Guerra Mundial, em prol dos direitos das mulheres e pela paz e unificação europeia.

Cornelia nasceu em Haia, nos Países Baixos, a 29 de julho de 1871. Filha de Frederik Willem Lodewijk Antonie Hirschmann (1839-1880), oficial da Marinha, e de Sophie Bahnsen (1849-1911). Aos nove anos, Cornelia perdeu o pai que faleceu numa viagem de retorno das Índias Orientais Holandesas. Mais tarde, com 18 anos, Cornelia completou uma formação para professora do ensino básico, tendo conseguido uma licença para ensinar Francês no ano seguinte. Terá sido por essa altura que Cornelia se mudou com a mãe de Haia para o Este, para a cidade de Nijmegen na fronteira com a Alemanha.

Já em Nijmegen, em 1893, então com 22 anos, voltou a estudar para obter a licença para ensinar Educação Física. Cornelia e a mãe viviam da pensão de viuvez da mãe e do ordenado de Cornelia enquanto professora do ensino básico. Foi na cidade de Nijmegen que conheceu Dirk Ramondt (1868-1945), diretor-adjunto dos correios, com quem casou em 1899. O jovem casal acabou por se mudar para o Sul, para a pequena cidade de Breda, onde, um ano depois, a filha de ambos, Sophie Ramondt, nasceu.

Durante estes anos, Cornelia foi introduzida aos ideais da primeira vaga do feminismo, iniciada com a Revolução Francesa e que se prolongou até ao fim da I Guerra Mundial. As reivindicações feministas deste período focavam-se sobretudo na extensão dos direitos políticos às mulheres. Nos Países Baixos, tal como noutros países europeus, a defesa dos direitos das mulheres assumiu formas de expressão organizada, sobretudo na década de 80 do século XIX, dando origem a várias organizações e associações, bem como a diversos protestos. Cornelia teve um papel relevante em prol dos direitos das mulheres na sociedade holandesa, tendo sido neste contexto que se assumiu como pacifista e passou a defender o papel crucial que as mulheres podiam desempenhar pela defesa da paz na Europa. Começou por se envolver na Associação Holandesa para o Sufrágio Feminino (VVK, em holandês, “Vereeniging voor Vrouwenkiesrecht”), tendo também sido secretária do Conselho Nacional das Mulheres Holandesas (NVR, em

holandês, “Nationale Vrouwenraad”), ainda hoje em funções, e que procura fortalecer a posição das mulheres na vida pública e política.

A participação cívica foi uma constante em toda a sua vida. Quando, em 1903, a família se mudou novamente para Haia, Cornelia envolveu-se ativamente na Sociedade de Filosofia de Haia e na Associação Vegetariana Holandesa (NVB), dando simultaneamente palestras na Sociedade Teosófica da Holanda (TVN, em holandês, “Theosofische Vereniging in Nederland”), da qual viria muitos anos mais tarde (entre 1927-30) a ser secretária-geral. Quando a família se estabeleceu em Amesterdão, em 1912, continuou a manifestar interesse pelos direitos das mulheres, agora de forma ainda mais focada na política europeia e na tensão bélica que já se fazia sentir na Europa. Em 1914, com o despoletar da I Guerra Mundial, desistiu do seu trabalho como professora para se dedicar a tempo inteiro à causa da paz (https://www.newspapers.com/clip/13449703/jewish_women_will_hear_peace_talk_the/, consultado a 12/05/2020).

Em abril de 1915, participou no “International Congress of Women” que teve lugar em Haia – um congresso que assentou no princípio da solidariedade entre mulheres de diferentes partes do mundo em prol da paz na Europa. A médica e sufragista holandesa Aletta Jacobs, principal organizadora do evento, acreditava que, em tempo de guerra, era importante discutir os princípios para a construção da paz. O Congresso reuniu 1136 mulheres de 12 países, desde a Europa à América do Norte, movidas por uma forte oposição à I Guerra Mundial, bem como pelo interesse em “estudar, dar a conhecer e eliminar as causas profundas da guerra” (<https://www.wilpf.org/versaillestreaty/>, consultado a 12/05/2020). Até então, as conferências e congressos internacionais eram invariavelmente pensados para e por homens, dado que as mulheres não tinham um papel substantivo na vida pública. Este foi um congresso único, determinante na história do feminismo e marcante para o papel das mulheres na vida pública e política na Europa.

Durante os quatro dias de Congresso, várias palestras e debates tiveram lugar, para além de que foi fundada a associação “Women’s International League for Peace & Freedom” (WILPF), organização feminista que continua hoje em dia a lutar pela paz no mundo. Jane Addams (vencedora do prémio Nobel da Paz em 1931) foi eleita presidente da WILPF e Cornelia presidente da sua secção holandesa. Embora Cornelia não tenha tido um papel crucial na organização do Congresso, Aletta Jacobs, na sua biografia, relata o impacto que as palavras dela tiveram junto da audiência do Congresso, revelando capacidades oratórias que viriam a ser reconhecidas várias vezes ao longo da sua vida

(https://www.newspapers.com/clip/13449737/the_winnipeg_tribune/, consultado a 12/05/2020).

No final do Congresso, 20 resoluções foram discutidas e aprovadas. Essas resoluções apelavam à cooperação internacional para a paz e recomendavam várias medidas nesse sentido, incluindo a implementação de um tribunal internacional de justiça, a criação de uma Sociedade das Nações e o desarmamento nacional. Para além disso, foi também aprovado o envio de duas delegações de mulheres – uma aos países em guerra e outra aos países neutros – com o objetivo de dar a conhecer as resoluções a que o Congresso tinha chegado, através de encontros oficiais com os governos dos respetivos países. As delegações pretendiam funcionar como mediadoras do conflito, advogando a célere conclusão da I Guerra Mundial. Assim começaram dois longos meses de atribuladas viagens pela Europa e pelo Atlântico, incluindo visitas a 15 países, reuniões com 24 ministros, dois presidentes, um rei e o Papa, para além de embaixadores e outras figuras políticas.

Cornelia fez parte do pequeno leque de mulheres escolhido para embarcar nesta aventura. Juntamente com Rosika Schwimmer (da Hungria), Chrystal Macmillan e Grace Wales (da Grã Bretanha) e Emily Balch (dos EUA), Cornelia integrou a delegação responsável por visitar os países neutros, o que incluiu viajar até à Dinamarca, onde a delegação se reuniu com o primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros; até à Noruega, onde encontraram o rei, o primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros; até à Suécia e finalmente até à Rússia, para falarem com os respetivos ministros dos Negócios Estrangeiros. As viajantes enfrentaram alguns obstáculos e peripécias. Por exemplo, as cidadãs britânicas, que integravam a delegação, não foram autorizadas a atravessar o território alemão por causa da sua nacionalidade; Rosika Schwimmer, sendo de um país inimigo (Hungria), não pôde entrar na Rússia, o que obrigou a que fosse substituída mais tarde por Ellen Palmstierna, da Suécia e, como o trajeto habitual entre a Suécia e a Finlândia pelo Mar Báltico estava encerrado, tiveram de fazer uma grande viagem por terra para conseguirem chegar à Rússia. Apesar dos desafios, em todos os países que visitaram contaram com o apoio de organizações e grupos de mulheres que tinham participado no Congresso em Haia. A delegação foi sempre recebida com grande cortesia e consideração por todos os políticos e vários disseram concordar com os seus argumentos para a paz. No entanto, nenhum se disponibilizou para convocar uma conferência de mediação.

Ainda no decurso da I Guerra Mundial, mas em 1916, Cornelia foi uma das delegadas holandesas que viajaram a bordo do “Peace Ship”, do empresário americano Henry Ford, desde Nova Iorque até Estocolmo. Tratou-se de uma iniciativa que juntou pacifistas americanos e europeus numa tentativa de promover as negociações de paz na Europa em solo neutro.

Depois do término da guerra, em novembro de 1918, Cornelia continuou o seu trabalho pela expansão dos direitos das mulheres na vida política e pela promoção da paz e desarmamento universal. Em conjunto com a delegação holandesa, composta igualmente por Aletta Jacobs e Mien van Wulfften, viajou de comboio até Zurique (Suíça) para participar no segundo Congresso da WILPF, que ocorreu em maio de 1919. O Congresso teve como objetivo encontrar soluções sustentáveis para a paz.

Deste Congresso resultou uma resolução que criticava os termos do Tratado de Versalhes – que estava prestes a ser assinado por vários chefes de Estado na Conferência de Paz de Paris – por considerarem que este violava “os princípios sobre os quais uma paz justa e duradoura poderia ser assegurada” (<https://www.wilpf.org/women-vote-peace-remembering-100-years-of-advocacy/>, consultado a 12/05/2020). Consequentemente, foi decidido no Congresso enviar uma delegação da WILPF a Paris, para dar conta das resoluções do Congresso. A delegação era composta por Jane Addams (dos EUA), Charlotte Despard e Chrystal Macmillan (da Grã-Bretanha), Gabrielle Duchêne (de França) e Rosa Genoni (de Itália) (<https://www.wilpf.org/versaillestreaty/>, consultado a 12/05/2020). A WILPF tornou-se assim numa das primeiras organizações a criticar os termos do Tratado de Versalhes, com o argumento de que uma ordem mundial internacional pacífica não podia ser baseada na punição (da Alemanha) mas sim na cooperação internacional. Os membros da WILPF temiam, já em 1919, que os termos do Tratado de Versalhes levassem a guerras futuras. A Conferência de Paz de Paris, dominada por homens, ignorou as propostas apresentadas pela WILPF e o Tratado de Versalhes foi assinado sem qualquer alteração em relação à versão que tinha sido analisada no Congresso de Zurique.

Ainda no pós-guerra, em representação da secção holandesa da WILPF, apoiou, em 1920, a criação da Sociedade das Nações – a primeira organização internacional criada especificamente para manter a paz, onde as várias nações poderiam resolver os seus conflitos de forma partilhada e sem recurso à guerra.

Cornelia desempenhou vários cargos de liderança nas organizações de mulheres por onde passou ao longo da vida. Em particular, entre 1921 e 1923 foi secretária

internacional da WILPF. Durante esse período, mais precisamente em 1922, organizou a “Emergency Peace Conference” da WILPF em Haia. Embora a sua vida familiar tenha sofrido uma reviravolta com o divórcio em 1923, Cornelia nunca deixou de lutar pela paz, tendo continuado sempre a viajar e a fazer discursos, promovendo o desarmamento militar e a cooperação internacional como pilares para a paz no mundo. Por exemplo, em 1925, enquanto secretária da comissão executiva internacional da WILPF, fez uma digressão pelos EUA acompanhada pela filha, agora com 25 anos, onde discursou sobre a paz em vários locais. Ao longo dos anos 1920 e 1930, com o objetivo de parar a corrida internacional ao armamento militar, Cornelia recolheu dezenas de milhares de assinaturas de mulheres de todo o mundo e contactou vários chefes de Estado. Para além disso, organizou e participou em congressos pela paz tanto nos Países Baixos como no exterior, incluindo a “League of Nations Disarmament Conference” em 1932, em Genebra.

Entre 1934 e 1940, organizou manifestações silenciosas pela paz no país, as chamadas “Caminhadas pela Paz das Mulheres”, onde grupos de mulheres marchavam silenciosamente por Haia no dia 14 de maio de cada ano. A invasão alemã na II Guerra Mundial pôs termo a esta iniciativa anual. Tornou-se membro do “Comité Central de Wuppertal” (CWC, em holandês, “Centraal Wuppertal Comité), criado em 1935, como forma de protesto contra as prisões em massa dos dissidentes políticos da Alemanha nazi. E, em 1936, fez ainda parte do “Conselho de Supervisão do Bureau Central da Paz” (em holandês, “Raad van Toezicht van het Centraal Vredes Bureau”), centro do movimento pela paz no país. Em 1937, foi uma das signatárias da Declaração de Princípios do Comité de Vigilância contra o movimento Nacional Socialista (em holandês, “Comité van Waakzaamheid van anti-nationaalsocialistische intellectueelen”), estabelecido em Amesterdão por um conjunto de intelectuais, que procurou responder à expansão do nacional socialismo, considerado como um sério perigo à liberdade de expressão e ao desenvolvimento de uma sociedade livre. Cornelia arrecadou também fundos para as vítimas da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e defendeu os direitos dos refugiados judaico-alemães.

Durante os últimos anos de vida, viveu na casa da filha, Sophie, em Hilversum, para onde se tinha mudado em 1934. Cornelia Ramondt-Hirschmann faleceu em Hilversum, aos 86 anos, no dia 20 de novembro de 1957 – ano marcante para a história Europeia, definido pela assinatura do Tratado de Roma, que instituiu a Comunidade Económica Europeia (CEE). A vida de Cornelia foi marcada pela dedicação à unificação

européia, à cooperação entre os estados e, essencialmente, à paz, valores que estiveram na base do processo de construção quer da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço em 1951, quer da CEE. O seu interesse e sensibilidade para questões políticas europeias, a sua visão alargada dos desafios de então, muito para além do seu país, e a promoção de interajuda entre os estados que, juntamente com outras mulheres, procurou pôr em prática para garantir uma paz duradoura na Europa, revelam uma verdadeira cidadã europeia, não só para os padrões do seu tempo, mas também para os atuais. Finalmente, a luta que protagonizou em prol dos direitos das mulheres, procurando fortalecer o seu papel na vida pública e política, tornam-na percussora de uma causa que a União Europeia viria a abraçar muitas décadas mais tarde. Através da força da diplomacia, do seu entusiasmo, coragem e conhecido poder de persuasão lutou pelos princípios que inspiraram, e ainda inspiram, o projeto Europeu: uma Europa em paz, unida e próspera.

Sofia Serra-Silva, Universidade de Lisboa

Ana Espírito-Santo, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Joris Alberdingk Thijm, Universidade de Lisboa

Referências

AAVV, *Report of the International Congress of Women, May 1915*, Haia, Women's peace party, s.d., <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b2825462&view=1up&seq=7>

JACOBS, Aletta, *Herinneringen van dr. Aletta H. Jacobs*, Amsterdam, Van Holkema & Warendorf, 1924.

OAKLEY, Ann, *Women, peace and welfare: A suppressed history of social reform, 1880-1920*, Bristol, Policy Press, 2019.

VAN DER VEEN, Sietske, *Hirschmann, Susanna Theodora Cornelia*, in: *Digitaal Vrouwenlexicon van Nederland*, 2017, <http://resources.huylgens.knaw.nl/vrouwenlexicon/lemmata/data/Hirschmann>